

PAULO REBELO
Neoépica Lda
neoepica@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-4584-1562>

MÁRCIO BEATRIZ
Neoépica Lda
Marcio.tvr@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0000-7389-6686>

GUILHERME CARDOSO
CAL (Centro de Arqueologia de Lisboa, DPC / DMC / CML) |
Associação Cultural de Cascais
gijpcardoso@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-0208-8782>

FRAGMENTO DE ARMADURA ROMANA: *LORICA SQUAMATA*
– RECOLHIDA NA BAIXA DE LISBOA: RUA DA VITÓRIA / RUA
DOS CORREEIROS

ROMAN ARMOR FRAGMENT: *LORICA SQUAMATA* – COLLEC-
TED IN LISBON DOWNTOWN: VITÓRIA STREET TO CORREEI-
ROS STREET

“Conimbriga” LXIV (2025) p. 85-102

http://doi.org/10.14195/1647-8657_64_3

Texto recebido em / Text submitted on: 31/12/2024
Texto aprovado em / Text approved on: 27/06/2025

Conimbriga, 64 (2025) 85-102

RESUMO: Em 2021, foi recolhida na baixa de Lisboa parte significativa de uma armadura de escamas, romana (lorica squamata), em liga de cobre. Trata-se de uma peça rara, identificada pela primeira vez em Portugal. Até ao momento conheciam-se algumas placas de ferro, isoladas, de armaduras romanas, encontradas num povoado localizado na bacia do rio Sabor, em Trás-os-Montes (Castelinho) na Cabeça de Vaiamonte (Monforte) e no Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira).

Cronologicamente, a lorica squamata, foi utilizada por soldados romanos como forma de proteção do tórax e braços, durante a República até ao Baixo-império.

Através do estudo dos materiais associados, na mesma unidade estratigráfica, foi possível datar o abandono da sua utilização nos inícios do século III d.C.

Palavras-chave: Lorica squamata; Romana; Baixo-Império; Lisboa.

ABSTRACT: In 2021, a significant piece of Roman-scale armor (lorica squamata) made of copper alloy was collected in downtown Lisbon. It is a rare item, identified for the first time in Portugal. Until now, some isolated iron plates from Roman armor were known to have been found in a village located in the Sabor river basin, in Trás-os-Montes (Castelinho), at the Cabeça de Vaiamonte (Monforte) and in the Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira). Throughout the Republic and into the Late Empire, Roman soldiers used the lorica squamata to shield chest and arms. The abandonment of its use at the start of the 3rd century AD was determined by dating the associated materials in the same stratigraphic unit.

Keywords: Lorica squamata; Roman; Lower Empire; Lisbon.

FRAGMENTO DE ARMADURA ROMANA:
LORICA SQUAMATA – RECOLHIDA NA BAIXA DE LISBOA:
RUA DA VITÓRIA / RUA DOS CORREEIROS

Introdução

Entre setembro de 2021 e maio de 2022, procedeu-se, no âmbito do projeto de reabilitação do imóvel sito entre a Rua da Vitória e a Rua dos Correeiros, em Lisboa, a uma intervenção de diagnóstico arqueológico (FIG. 2). Esta ação teve como objetivo central aferir o potencial arqueológico do local, com o intuito de salvaguardar o impacto do projeto de construção sobre contextos patrimoniais pré-existent.

Os trabalhos arqueológicos permitiram registar uma sequência estratigráfica complexa, que atesta de forma alargada as dinâmicas de ocupação do local entre época contemporânea, moderna, medieval e romana.

Na sequência da intervenção arqueológica recolheu-se no local o fragmento de uma armadura de “escamas” romana (*lorica squamata*). O presente artigo tem por objetivo dar a conhecer esta peça que, pelo seu carácter e raridade, merece destaque numa análise autónoma, que corresponda a mais um contributo para história militar, em época romana, no nosso território.

1. O sítio

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos na antiga *Felicitas Iulia Olisipo*, decorreram na Baixa Pombalina, edificado existente entre as Ruas da Vitória e dos Correeiros, Lisboa. O espaço localiza-se a uma altitude de cerca de 5 metros, próximo da margem direita do rio Tejo. Geologicamente, a área em análise encontra-se sobre a camada designada por aluviões e/ou aterros Holocénicos, que ocorrem ao longo das

principais linhas de água da área de Lisboa. Neste caso, na confluência das Ribeiras de Valverde e a Ribeira de Arroios, descendo de Norte para desaguar a Sul, na margem do Rio Tejo (PAIS *et al.*, 2006).

2. Contextualização arqueológica

Numa primeira fase os trabalhos arqueológicos passaram pela abertura de três sondagens de diagnóstico: duas no piso 0 e uma ao nível da cave.

As sondagens 2 e 3, no piso 0, revelaram, até à cota de afetação prevista pelo projeto de reabilitação do edificado, a presença de contextos de época contemporânea e moderna.

Por sua vez, a sondagem 1 foi implantada ao nível da cave, estrutura que terá sido aberta em época contemporânea, cuja construção terá afetado intensamente os contextos de época moderna, bem como, parte dos vestígios da ocupação medieval. Contudo, sob os pavimentos atuais da cave foi possível registar um diversificado conjunto de contextos pré-existent, associados a elementos estruturais, que se enquadram entre época medieval e romana. Perante a relevância patrimonial dos vestígios arqueológicos observados, foi opção avançar com a escavação arqueológica, em todo o espaço correspondente à área da cave.

O fragmento de armadura romana (*lorica squamata*) foi recolhido no âmbito da fase de diagnóstico: sondagem 1. A sequência estratigráfica a que esta peça se encontrava associada, corresponde a um momento em que, sob os contextos medievais, foram detetados depósitos de época romana (FIG. 3). Primeiramente as unidades sedimentares [115] e [121], caracterizadas por uma grande concentração de carvões e cinzas. A sua remoção permitiu registar um muro isódomo de perpianhos [129], correspondendo a uma parede romana, com esquema regular, composta por silhares calcários de desenho retangular, unidos por argamassa (FIG. 4). O piso, de terra batida [131], encostava ao alçado da estrutura [129], observando-se uma sequência contínua de diversos depósitos de época romana [116-123-125-126-127-128-130-132] (FIG. 5). Na parte superior [115], recolheu-se um fragmento de boca de ânfora Lusitana 3 e na [121] recolheu-se uma moeda, um antoniniano de Cláudio II, 268-270. Anverso: ilegível; cabeça radiada para a direita. Reverso: ilegível, Victória Augusta. Diâmetro: 17 mm; Peso: 2,45g.

No estrato seguinte, foi registada uma bolsa de terra amarela [116], com fragmentos de *terra sigillata* clara A, de bordo tipo 14 Hayes, dos finais do século II d.C. inícios do III d. C. (FIG. 12.1), um fragmento de pé indefinido (FIG. 12.2) e um fragmento de carena de cerâmica de cozinha africana, provavelmente do tipo Hayes 23, inícios/ meados do século II d.C. inícios do III d.C. (FIG. 12.3). Foi também recolhido um fragmento de ânfora Almagro 51 C, datável entre o século III d.C. e o V d.C. (FIG. 12.4), coberto exteriormente com engobe branco, proveniente certamente da olaria romana da Quinta do Rouxinol, Seixal, bem como um fragmento de pé, referente à mesma tipologia (FIG. 12.5).

A unidade [123], de cor castanho-escuro/rúbea, ofereceu um fragmento de bordo cerâmica de cozinha africana, Hayes 23b, primeira metade do século II d.C. e o princípio do século IV d.C. (FIG. 12.6), outro de *terra sigillata* africana do tipo C e ainda, um fragmento de taça Hayes 50, datável entre 220/240 a 400 (FIG. 12.7).

O depósito [125] apresentou uma coloração castanha-amarelada, de consistência pouco compacta, matriz argiloarenosa de granulometria média a fina. Notou-se, nesta unidade, a presença pontual de fragmentos de cerâmica de construção: nódulos de argamassa, fragmentos referentes a um programa de decoração parietal de estuque vermelho pompeiano e de bandas vermelhas e negras. Nesta unidade sedimentar começaram a surgir pequenas peças de metal, dando a entender que fariam parte do mesmo artefacto metálico. Optou-se por retirá-lo em bloco, após ser consolidado com gesso.

Previamente aos trabalhos de conservação e restauro¹ realizaram-se análises, através de um TAC e Raio X (FIG. 6)², o que permitiu o registo de conjunto das escamas, sendo assim possível identificar a peça, como parte de uma antiga armadura romana, enquadrando-se dentro da tipologia *lorica squamata*.

Para além da *lorica squamata*, recolheram-se dois fragmentos de tampa de cerâmica de cozinha Africana, tipo Hayes 196, do século II d.C. a meados do III d.C. (FIG. 12.13 e 14), uma asa de ânfora, provavelmente, Almagro 50 (FIG. 12.15) e vários fragmentos de cerâmica comum de produção regional (FIG. 12.16-22).

¹ Trabalhos de conservação e restauro realizados por Moisés Costa Campos, técnico do Laboratório de Conservação e Restauro do CAL (Centro de Arqueologia de Lisboa).

² Efetuados na Cintramédica, Sintra.

No estrato correspondente à bolsa UE 126, recolheram-se dois fragmentos de caçarolas, do tipo Hayes 193, um de cozedura oxidante (FIG. 12.23) e outro de cozedura redutora, datáveis do século III d.C. (FIG. 12.24), dois fragmentos de tampa de cozinha africana do tipo Hayes 196 (FIG. 12.25 e 26) e dois fragmentos de bordos do tipo 197, datável entre a primeira metade do século II d.C. e o final do século IV d.C. (FIG. 12.27 e 28). Recolheram-se quatro fragmentos de bocas de ânforas lusitanas, do tipo Lusitana 3 (FIG. 13.29-32), usadas como vasilhame de vinho olisiponense, datável entre o século II e o III d.C. (FABIÃO, 2021b: 78-81). Esta unidade ofereceu ainda um fragmento de ânfora Almagro 50, datável entre a primeira metade do século III d.C. e o primeiro quartel do século V d.C. (FIG. 13.33) e outro de Almagro 51 C, coberto, exteriormente, com engobe branco, proveniente certamente da olaria romana da Quinta do Rouxinol, Seixal.

A presença do muro de silhares [129] como pisos [130-132] aponta para que fosse de uma habitação privada, com estuques pintados a revestir as paredes, numa zona da cidade onde se localizavam as unidades de produção de preparados de peixe (FABIÃO, 2021a: 17) e algumas habitações particulares tanto na margem esquerda como do direito do esteiro (MOTA e MARTINS, 2020: 40; FERNANDES e REIS, 2021: 152).

3. *Lorica squamata*

Como já referido, foi durante a escavação de sondagem 1, na UE 125, que se identificaram várias escamas soltas e algumas ainda unidas entre si, de uma *lorica squamata*, composta por escamas planas, de liga de cobre, do tipo F (SIM e KAMINSKI, 2012: 96, fig. 61).

As pequenas placas soltas encontravam-se muito fragilizadas devido às condições de jazida, processo de oxidação a que estiveram sujeitas, daí a opção da retirada em bloco, como foi referido.

Na radiografia, o bloco de óxido de cobre e terra (FIG. 6), apresentava as seguintes dimensões: altura, 235 mm; largura 400 mm, mais 100 mm na parte dobrada no lado direito; largura na zona do pescoço 150 mm, onde é possível, observar-se as fiadas de escamas superiores, curvadas junto à abertura do pescoço.

Após uma primeira limpeza foi possível constatar vários fragmentos de diversas dimensões (FIG. 6), tendo o maior conjunto escamas

interligadas, com cerca de 135 mm de altura e 100 mm de largura. Mas, pelo facto de se encontrarem deformadas, apresentando-se dobradas, com a face externa virada para o interior, medirão, seguramente, cerca de 200 mm de largura.

Após a limpeza da terra e consolidação das pequenas placas, optou-se por mantê-las nas mesmas condições, a fim de evitar a sua desagregação, tendo em conta o deficiente estado de conservação.

4. Análise

As pequenas placas com que eram fabricadas as escamas, apresentavam a forma retangular, com uma face voltada para baixo em forma de bico. Foram cortadas com uma tesoura a partir de uma folha de latão.

Apresentam espessuras variáveis entre 0,85 mm e 1 mm, com uma largura, também variável, entre 6,5 mm e 7,3 mm e um comprimento entre 10 mm e 11 mm.

No lado superior da placa foram abertos quatro furos paralelos, com diâmetros entre 1 mm a 1,7 mm, por onde passavam os grampos, com cerca de 1mm de espessura, ligando as placas entre si.

Os resultados da composição elementar das escamas foram obtidos por análise de superfície não destrutiva, Espectrometria de Fluorescência de Raios X (FRX)³. Algumas lâminas semelhantes, recolhidas em contexto Europeu, foram também elas fabricadas em latão. Tomemos como exemplo o caso das que foram exumadas em Mušov Burgstall, na República Checa (WIJNHOFEN, KMOŠEK, e KOMORÓCZY, 2025: 396). A aplicação de latão no seu fabrico, conferia, certamente, uma maior resistência ao impacto dos projéteis em comparação com as fabricadas somente em cobre.

As escamas eram unidas com arame, sendo semirrígidas e sobrepondo-se umas às outras (FIGS. 10 e 11), ofereciam uma maior resistência ao impacto das armas ofensivas, ao mesmo tempo que permitia uma maior mobilidade que a *lorica segmentata*. Não foram encontrados vestígios de camadas de tecido e de couro, o que evitaria o desconforto do contacto das escamas e dos fios com o corpo, tal como os exemplares encontrados no forte romano de Carlisle, Inglaterra. Ali, foram exu-

³ Análise efetuada pelo Doutor Pedro Valério, C2TN, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa.

mas algumas placas de uma armadura que apresentava uma camada significativa de couro em contacto com as escamas, reforçando a funcionalidade protetora da cota (SIM; KAMINSKI, 2012: 97).

5. Paralelos

Um dos melhores exemplos de comparação da *lorica squamata* encontra-se num dos baixos-relevos existentes na base da coluna de Trajano, que representa armas capturadas aos dácios nos inícios do século II e onde se encontra esculpida uma couraça de escamas (SIM e KAMINSKI, 2012: 6, Fig.1). Foram armas de defesa usadas pelos partos durante as batalhas do Próximo Oriente (Síria e Judeia), com os sármatas e trácios na região oriental do Danúbio (GROH, 2023: 321).

Os estudos publicados por M. Von Goller, em 1901, tiveram por base as observações efetuadas, referentes às descobertas realizadas no paiol de armas do acampamento legionário de Carnunto, na província da Panónia, hoje localizada na Baixa Áustria. São significativos os exemplares descobertos em Vindonissa, Suíça, e em acampamentos militares nos arredores de Baumgarten and der March, datados de 171-175 d.C. (GROH, 2023: 323). Também no forte romano de Carlisle, Cumbria, na Inglaterra, encontraram vários exemplares de escamas dentro de caixas de madeira (SIM e KAMINSKI, 2012: 101).

Este tipo de couraça semirrígida foi usada pelos romanos, fundamentalmente, como armadura corporal entre os séculos I e II d.C., essencialmente por oficiais, até finais do século II d.C. (SIM; KAMINSKI, 2012: 95), generalizando-se o seu uso, durante o século II d.C. quando passou a constituir parte do equipamento militar dos suboficiais (*signiferi* e *cornicines*) e especialmente da cavalaria, por possibilitar movimentos mais rápidos (GROH, 2023: 322), ao mesmo tempo que eram utilizados outros modelos de couraças (BISHOP, 2002; BISHOP e RAVA, 2023).

Para a identificação de escamas de couraças semirrígidas encontradas na Península Ibérica temos alguns indícios em León, onde foram encontradas algumas escamas de armaduras flexíveis formadas por pequenas lâminas, unidas horizontalmente e aplicadas, possivelmente, sobre tecido ou couro. Joaquín Aurrecoechea, no seu trabalho sobre armaduras romanas identificadas em Hispânia, apresenta uma encontrada em Santa Maria (2010: 85, fig. 2, 5), datando-a da época de Tibério-

-Nero, mais duas, soltas e um bloco unido pelos seus elos, provenientes da Plaza del Conde Luna (2010: 85, fig. 2, 4), que datou do século III. Ainda em ambiente leonês, em Puente Castro, saíram, em bloco, um grupo de cerca de onze escamas que se desagregaram quando foram recolhidas, tendo sido datadas entre a segunda metade do século II e a primeira metade do século III (2010: 85, fig. 2, 6).

O mesmo autor cita a recolha de sete escamas, do tipo Groller “iv” e “vi” (1901: lām,225), algumas unidas por arame, provenientes do acampamento *cohors I Celtiberorum* em Cidadela, na Corunha (2010: 85), com cronologia dos finais do século II e especialmente do século III. Por fim fala de várias escamas proveniente de Herrera de Pisuerga, do tipo Groller “v”, algumas delas unidas entre si (AURRECOECHEA, 2010: 86).

Um fragmento da *lorica squamata*, feita de cinco escamas de metal, com 3,2 cm de altura por 1,5 cm de largura e 0,1 cm de espessura, foi encontrado em Augusta Emérita, capital da Lusitânia, na primeira metade do século XX, em contexto desconhecido. O achado foi datado entre o século V e VII (SABIO GONZÁLEZ, 2016: 18 e 19; 2018: 22 e 23), mas, segundo Martijn A. Wijnhoven, a cronologia proposta não está correta, pois a couraça semirrígida surge por volta do período Antonino, ou possivelmente um pouco antes, podendo ser utilizada pelo menos até ao século IV e, provavelmente, caindo em desuso no início do século V d.C. (2024: 372, fig. 5).

Em Portugal são raros os exemplares de escamas de couraças até agora identificados. É o caso dos prováveis fragmentos de escama provenientes de Cabeça de Vaiamonte (PEREIRA, 2018: Est. 14 e 15), bem como, dos que foram exumados no Monte dos Castelinhos (PIMENTA, 2024: 450, 456 e 457, Est. 143, n.º 1444 e 1445). Um fragmento de placa, de latão, com cerca de 25 mm de lado, com um furo lateral, recolhido na Cidade das Rosas, Serpa, provavelmente será de uma escama de uma *lorica segmentata* (VALÉRIO et al., 2015: 116).

Considerações finais

O fragmento descoberto em Lisboa corresponde ao melhor exemplar conhecido de uma *lorica squamata*, proteção que compunha o equipamento militar, destinada à proteção do tronco e que foi usada pelas elites militares que integravam as legiões romanas, durante os séculos I e II d.C.

O aparecimento de uma couraça numa habitação privada, em estrato de entulhamento, durante o século III d.C., coloca-nos algumas questões quanto à sua presença num ambiente descontextualizado. Teria sido utilizada por um militar que tenha passado por Olisipo, ou seria pertença de um particular, outrora legionário, que se fixou posteriormente na cidade? Ou teria feito parte da indumentária de um gladiador, que a tenha usado em algum espetáculo, ocorrido na época, na atual baixa de Lisboa?

Bibliografia

- AURRECOECHEA, Joaquín (2010) – Las armaduras romanas en Hispania: protectores corporales para la infantería y caballería, *Glaadius, Estudios sobre armas antiguas, arte militar y vida cultural en oriente y occidente*, XXX, pp. 79-98. <https://glaadius.revistas.csic.es/index.php/glaadius/article/view/224/226>
- BISHOP, M. C. (2002) – *Lorica Segmentata. Volume I: A Handbook of Articulated Roman Plate Armour*, Jrmes Monograph, n.º 1, The Armatvra Press.
- BISHOP, M. C.; RAVA, Giuseppe (2023) – *Roman Mail and Scale Armour*, Osprey.
- FABIÃO, Carlos (2021a) – *Felicitia Iulia Olisipo* uma cidade produtora (e consumidora), in FABIÃO, Carlos; NOZES, Cristina; CARDOSO, Guilherme, coord. – *A cidade Produtora (e consumidora), Lisboa Romana Felicitia Iulia Olisipo*, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa e Caleidoscópio, pp. 13-23.
- FABIÃO, Carlos (2021b) – O vinho Olisiponense no contexto da Lusitânia, in FABIÃO, Carlos; NOZES, Cristina; CARDOSO, Guilherme, coord. – *A cidade Produtora (e consumidora), Lisboa Romana Felicitia Iulia Olisipo*, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa e Caleidoscópio, pp. 73-85.
- FERNANDES, Lúcia; REIS, Maria Pilar (2021) – Sistemas Construtivos de cronologia romana de *Felicitas Iulia Olisipo*, in FERNANDES, Lúcia; FERNANDES, Paulo Almeida, coord. – *A capital urbana de um município de cidadãos romanos, Lisboa Romana Felicitia Iulia Olisipo*, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa e Caleidoscópio, pp. 133-165.
- GROH, Stefan (2023) – *Lorica Squamata*, schuppenpanzer im mittleren und oberen Donauraum zur Zeit der Markomannenkriege: Typologie, technologie, Chronologie, Chorologie, *Monographies Instrumentum*, 76, Drémil-Lafage, Éditions Mergoil.
- GROLLER, M. Von (1901) – Das Lager von Carnuntum, *Der Römische Limes in Österreich*, 2. pp. 15-84.
- MOTA, Nuno; MARTINS, Pedro Vasco (2020) – A estrutura urbana da cidade portuária, in FABIÃO, Carlos, coord. – *A morfologia urbana, Lisboa Romana Felicitia Iulia Olisipo*, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa e Caleidoscópio, pp. 29-45.
- PAIS, J.; MONIZ, C.; CABRAL, J.; CARDOSO, J. L.; LEGOINHA, P.; MACHADO, S.; MORAIS, M. A.; LOURENÇO, C.; RIBEIRO, M. L.; HENRIQUES, P.; FALÉ, P. (2006) – *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/50 000, Notícia explicativa da Folha 34-D*

- (Lisboa), Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação.
- PEREIRA, Teresa R. M. V. M. (2018) – *O papel do exército no processo de romanização: a Cabeça de Vaia Monte (Monforte) como estudo de caso*. Dissertação para obtenção de grau de Doutor em História, especialidade Arqueologia. Orientada pelo Professor Doutor Carlos Fabião. Apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/37913>
- PIMENTA, João (2024) – Monte dos Castelinhos e as dinâmicas da conquista romana na Península de Lisboa e Baixo Tejo, *Estudos e Memórias*, 24, UNIARQ, Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- SABIO GONZÁLEZ, R. (2016) – Fragment of Lorica Squamata from Augusta Emerita (Mérida, Spain), *Arma*, 15:2, Newsletter of the Association for Roman Military Equipment Studies, pp. 18 e 19. <https://a-r-m-e-s.org/wp-content/uploads/2023/10/arma-15-2.pdf>
- SABIO GONZÁLEZ, R. (2018) – Fragment of Lorica squamata from Augusta Emerita (Mérida, ES), *Instrumentum*, 48, pp. 22-23.
- SIM, D.; KAMINSKI, J. (2012) – *Roman Imperial Armour, the Production of Early, Imperial Military Armour*, Oxbow Books, Oxford.
- VALÉRIO, P.; VORÁČOVÁ, E.; SILVA, R. C.; ARAÚJO, M. de F.; SOARES, A. M.; ARRUDA, A. M.; PEREIRA, C. (2015) – Composition and microstructure of Roman metallic artefacts of Southwestern Iberian Peninsula, *Applied Physics A*, 121:1, Springer-Verlag: Berlin Heidelberg, pp. 115-122.
- WIJNHOFEN, Martijn A. (2024) – Semi-rigid scale armour. Characteristics, dating and distribution of a Roman body armour, in ENCKEVORT, Harry Van; DRIESSEN, Mark; GRAAFSTAL, Erik; HAZENBERG, Tom; IVLEVA, Tatiana; MURRAY, Carol Van Driel, eds. – *Supplying the Roman Empire*, Limes XXV, Vol. 4, Leiden: Sidestonepress innovative academic publishing, pp. 369-375.
- WIJNHOFEN, Martijn A.; KMOŠEK, Matěj; KOMORÓCZY, Balázs (2025) – Signalling on a Small Scale The Decoration of Armour to Reinforce Legionary Identity at Mušov, *Archäologisches Korrespondenzblatt*, 54, 3, Herausgegeben vom Leibniz-Zentrum für Archäologie, pp. 393-405.



FIG. 1 - *Localização de Lisboa (Olisipo) no mapa Europeu.*



FIG. 2 - *Localização da escavação na baixa de Lisboa (elaborado no software Google Earth pelos autores).*

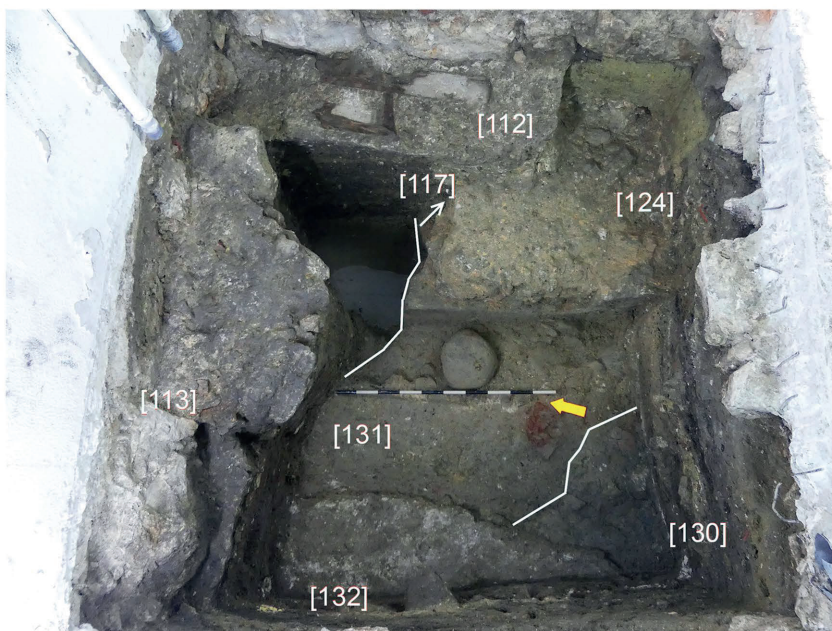


FIG. 3 - Sondagem 1.



FIG. 4 - UE 129, muro isódomo de perpianhos e pisos [131].

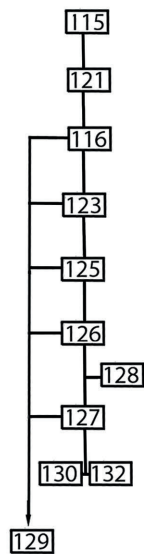


FIG. 5 - Matriz de Harris da Sondagem 1. [125] Bolsa onde foi identificada a *lorica squamata*.

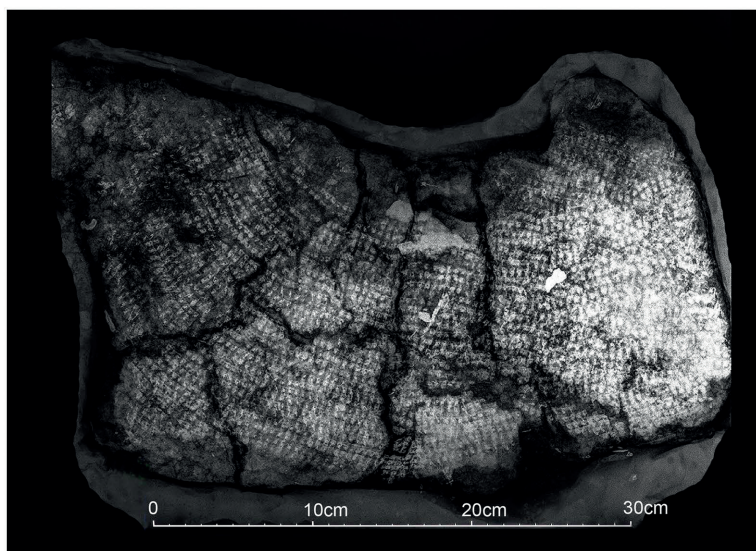


FIG. 6 - Raio X do bloco de terra onde se encontrava a cota. (Cintramédica, Sintra).

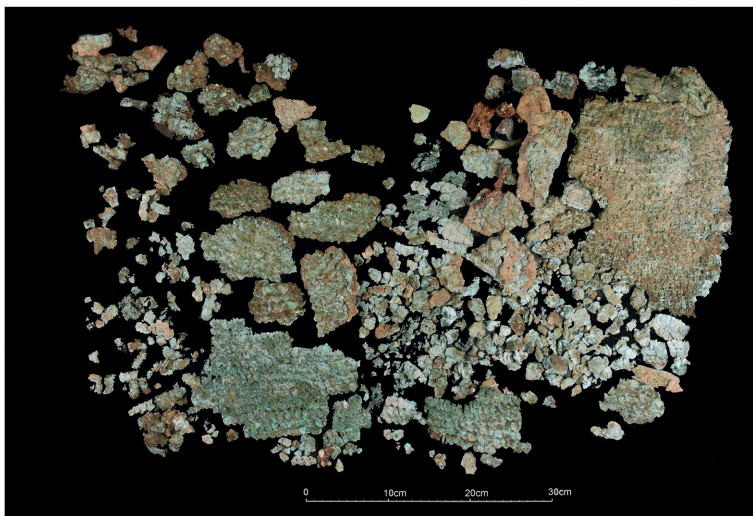


FIG. 7 - Conjunto dos fragmentos da lorica após ser retirada a terra (fotografia de Guilherme Cardoso). (Restauro de Moisés Campos, CAL, Centro de Arqueologia de Lisboa).



FIG. 8 - Fragmento da lorica. Vista do lado exterior (fotografia de Guilherme Cardoso).

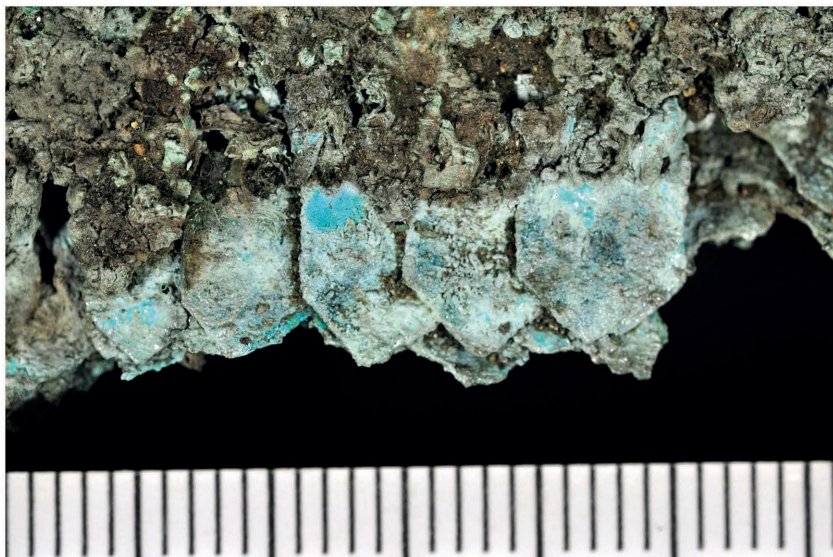
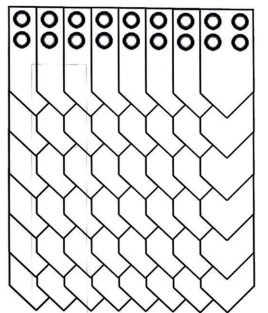


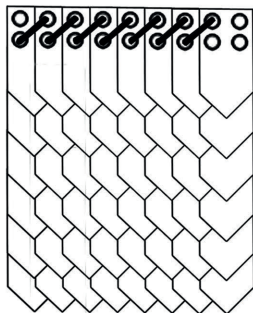
FIG. 9 - *Pormenor da lorica. Vista do lado exterior (fotografia de Guilherme Cardoso).*



FIG. 10 - *Pormenor do tardo da lorica observando-se os grupos de tio de cobre a interligar as escamas (fotografia de Guilherme Cardoso).*



0 20 mm

 A scale bar with markings at 0 and 20 mm. The bar is a horizontal line with vertical tick marks at the 0 and 20 mm positions.


0 20 mm

 A scale bar with markings at 0 and 20 mm. The bar is a horizontal line with vertical tick marks at the 0 and 20 mm positions.

FIG. 11 - Desenho esquemático das escamas da lorica sobrepostas, com a indicação da provável ligação entre escamas (elaboração de Guilherme Cardoso).

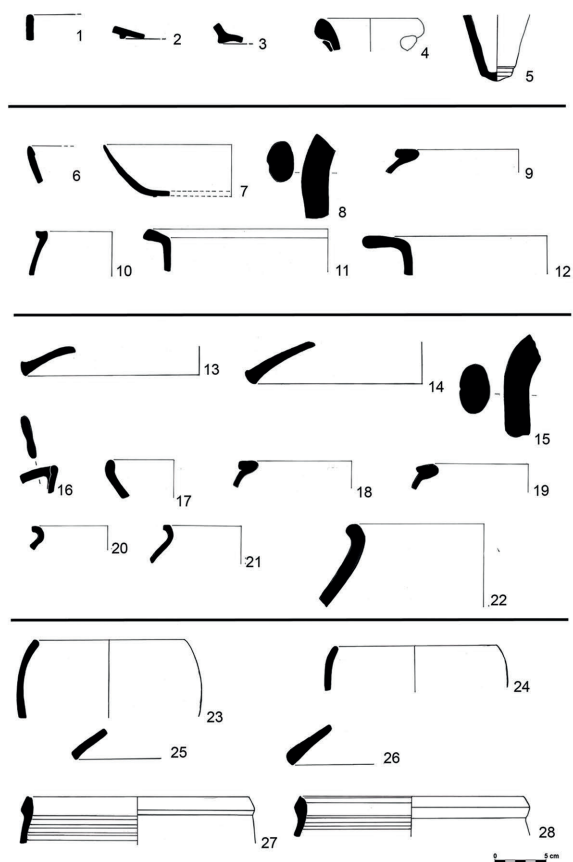


FIG. 12 - Desenhos dos materiais das UEs [116], 1-5; [123], 6-12; [125], 13-22; [126], 23-28 (elaboração de Luísa Batalha).

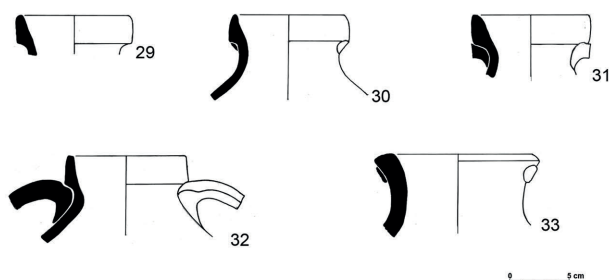


FIG. 13 - Desenhos dos materiais da UE [126], 29-33 (elaboração de Luísa Batalha).